

MARCOS ANTONIO SILVA BATISTA^{1*}, CARLA KAROLINA DE ALMEIDA OLIVEIRA¹, MÁRCIO MARTINS MENDES¹, ROSANE CRISTINA MENDES GONÇALVES¹.

¹ Hospital de Doenças Tropicais do Tocantins. Araguaína - TO.

*E-mail: marcos_batist@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa buscou estudar de que maneira se dá a atuação da enfermagem durante os procedimentos de urgência e emergência no centro cirúrgico na sociedade atual. Procurou-se analisar, ainda, como se dá viabilidade de implantação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) em serviços de urgência e emergência hospitalares, bem como das dificuldades e facilidades identificadas no desempenho de suas atribuições. O trabalho do enfermeiro é regido por diversas leis, estabelecendo a implantação da sistematização em todas as unidades de atendimento de saúde que ofereçam assistência de enfermagem. Contudo, o cenário hospitalar mostra-se precário em termos de recursos físicos e humanos, demandados a tal objetivo. A SAE possibilita detectar as prioridades dos pacientes no que tange às suas demandas e necessidades, oferecendo uma base e um direcionamento para quaisquer intervenções. No que diz respeito às necessidades humanas, a enfermagem necessita ter sensibilidade suficiente para correlacioná-las à realidade na qual atua. Para isso, o enfermeiro deve ser estimulado ao desenvolvimento de seu pensamento crítico ao longo de sua formação, tornando-se apto a aplicar, com precisão, os modelos e teorias às condições em que a equipe atua.

Palavras-chave: Emergência, Enfermagem, Urgência.

COMO O ENFERMEIRO PODE LIDAR COM URGÊNCIA E EMERGÊNCIA NO CENTRO CIRÚRGICO**INTRODUÇÃO**

Conforme Leopardi (2009), na sociedade atual, observa-se um crescente aumento na quantidade de atendimentos relativos a urgência e emergência no centro cirúrgico no país, devido aos acidentes de trânsito, aos atos de violência, bem como a doenças das mais variadas etiologias, acima de tudo as cardiovasculares. Por conta disso, tem surgido cada vez mais, no Brasil, a demanda por atendimentos que se demonstrem rápidos e

especializados, visando prestar os primeiros socorros aos doentes de traumas e males súbitos, ainda no contexto da cena do fato.

Segundo Leopardi (2009), o atendimento pré-hospitalar, seja ele móvel ou fixo, apresenta como premissa o fato de que, a depender do suporte imediato fornecido à vítima, determinados lesões e traumas têm a possibilidade de ser tratados sem ocasionar sequelas tidas como significativas.

O atendimento inicial do paciente em trauma ocorre ao longo de três etapas sucessivas: na cena do acidente; no transporte e no centro hospitalar. Nesse sentido, as unidades de emergência se mostram como locais apropriados para que os pacientes com afecções agudas específicas sejam atendidos, havendo um trabalho de equipe especializado, sendo divididos em pronto-atendimento, pronto-socorro e área de emergência (SILVA, et al., 2019).

Logo, diferencia-se em absoluto dos atendimentos em consultórios, das unidades de saúde básica, ou até mesmo de tratamento programado, já que cada um dos sujeitos demonstra ampla variedade de problemas, alterando seu estado de um minuto a outro. Dessa maneira, a decisão da equipe precisa ser imediata, com base em um atendimento sistematizado e preciso, estabelecendo prioridades, em geral, por meio de protocolos de emergência (ANDRADE, et al., 2010).

O objetivo do estudo concentra-se em revisar na literatura como o enfermeiro lida com urgência e emergência no centro cirúrgico, pois esse profissional desempenha papel essencial para os eventos que exigem saber técnico e teórico para identificar previamente os sintomas dessas condições e realizar o atendimento indicado para cada caso o mais rápido possível, a fim de evitar complicações.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Definição de urgência e emergência

Urgência e emergência dizem respeito a dois termos constantemente utilizados na área médica, que ainda causam bastante confusão entre as pessoas. Urgência é quando existe determinada situação que não tem a possibilidade de ser adiada, que necessita, portanto, ser resolvida de maneira rápida, uma vez que, caso haja demora, pode-se correr o risco inclusive de morte. Emergência, por outro lado, acontece quando existe uma situação crítica, com ocorrência de perigo (TREVIZAN, 2013).

No panorama da medicina, segundo Cury (2009), a emergência se refere à circunstância que vem exigir que se faça uma cirurgia ou que haja intervenção médica imediata e, portanto, em ambulâncias se escreve, em geral, emergência, e não urgência. Ocorrências de caráter urgente, por sua vez, demandam tratamento médico e, em diversos casos, cirúrgico, porém apresentam caráter imediatista reduzido.

Contudo, existem situações de emergência que também demandam intervenções urgentes, isto é, que não têm a possibilidade de se prolongar. A diferença essencial entre ambas as palavras se concentra mais na área da medicina, a exemplo de hemorragias, parada respiratória e parada cardíaca, que são consideradas como emergências. Por sua vez, luxações, fraturas (a depender da gravidade e dengue se consideram como urgências (MALVESTIO e SOUSA, 2012).

Outro aspecto importante é que, no contexto das emergências, o surgimento é súbito e imprevisto, exigindo uma solução imediata. Já na urgência não, ainda que se dê dentro de um curto prazo, existindo somente premência ou insistência de solução. Contudo, ressalta-se que ambas se caracterizam como muito perigosas. (SANTOS AP, et al., 2020).

O papel do enfermeiro no setor de urgência/emergência e a necessidade de qualificação

Conforme Gomes (2010), os enfermeiros necessitam se manter atentos e preparados para atuar em situações de urgência e emergência no centro cirúrgico, uma vez que sua capacitação profissional, dedicação, bem como o conhecimento teórico e prático farão total diferença no instante crucial de atendimento aos pacientes. Por vezes, tais habilidades não são treinadas do modo necessário e, no momento em que ocorre a situação de emergência, o que se observa são profissionais que correm de um lado para o outro, sem a mínima objetividade, possuindo dificuldades para oferecer suporte ao paciente e, também, com medo de se aproximar da situação (TREVIZAN, 2013).

Os enfermeiros trabalham, cotidianamente, com pacientes em situação de risco de morte e que, portanto, dependem desse cuidado para manter suas vidas. Assim, entende-se que todas as ações da equipe de enfermagem devem visar, constantemente, à assistência aos pacientes do melhor modo possível, expressando a qualidade e a relevância da profissão em debate (MALVESTIO e SOUSA, 2012).

O estudo, a capacitação e a prática se mostram como ações fundamentais para que se dê o desenvolvimento profissional de enfermeiros, bem como de técnicos e auxiliares de

enfermagem. Assim, manter-se preocupado com iniciativas nesse sentido, na rotina de trabalho, faz-se essencial.

Questões importantes a serem solucionadas para o enfermeiro em urgência e emergência na atualidade

Conforme Gomes (2010), quando se trata a respeito das percepções dos próprios enfermeiros ante a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), sejam eles técnicos ou auxiliares, acerca de suas competências profissionais, observa-se que muitos indivíduos se veem, ainda na atualidade, como simples executores, ou seja, meros cuidadores e, portanto, desprovidos de qualquer habilidade reflexiva ou poder decisivo a respeito da assistência que é prestada.

Ao se retomar a Teoria das Relações Interpessoais de Peplau, pode-se lembrar que o comportamento e a personalidade dos sujeitos se desenvolvem a partir das relações com aquelas pessoas que são consideradas importantes a eles e, no que tange à equipe de enfermagem, a figura de maior relevância seria, justamente, o enfermeiro (TREVIZAN, 2013).

O que se consegue constatar, cada vez mais, é que, ao serem indagados sobre seu papel na equipe, alguns enfermeiros tendem a valorizar muito mais as determinações médicas, colocando-se, desse modo, em posição de subserviência. Acreditam que sua função é administrar o que é determinado pelo médico e, assim, que o enfermeiro deve adotar uma postura submissa aos outros profissionais, sendo seu papel apenas auxiliar (CURY, 2009).

Para Gomes (2010), na atualidade, nota-se que a assistência em enfermagem se baseia no conhecimento científico, e não somente em cuidados generalizados ou subsidiados pelo pensamento médico, como ocorria alguns séculos atrás. Os enfermeiros têm, cada vez mais, buscado destruir esse olhar submisso, através do desenvolvimento de um planejamento voltado à sua assistência, além de garantir responsabilidades junto aos seus pacientes, de modo a se nortearem pela tomada de decisões em múltiplas situações vivenciadas enquanto gestores de uma equipe.

Esse pensamento necessita ser estruturado entre os diversos funcionários das instituições de saúde e, conseqüentemente, melhor desenvolvido pelos enfermeiros em si. Além disso, tem-se o fato de que, na unidade de urgência e emergência, faz-se fundamental

que a equipe, de modo geral, saiba tomar decisões de maneira rápida, para promover um atendimento sincronizado de qualidade, exigindo treinamento contínuo e específico, bem como o aperfeiçoamento técnico-científico da prática a todo momento (TREVIZAN, 2013).

Observa-se, na prática de enfermagem em termos da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), ainda hoje um grande despreparo das equipes ao desenvolverem, de maneira satisfatória, cada uma de suas atribuições, a se iniciar pelo conhecimento escasso, o que se pode notar pelos próprios funcionários, que parecem começar a carreira muito “crus”, sem grandes noções teóricas, o que dificulta o aprendizado (CURY, 2009).

Isso ocorre porque, em termos nacionais, a capacitação, a habilitação e a educação continuada dos colaboradores relativos ao setor de urgência e emergência no centro cirúrgico ainda se mostram fragmentadas, havendo baixíssimo aproveitamento no que se refere ao processo educativo tradicional, bem como a insuficiência dos conteúdos curriculares quando se trata dos cursos de formação profissional (TREVIZAN, 2013).

Existe, contudo, uma enorme preocupação das equipes de enfermagem em poder reverter esse quadro, o que se evidencia quando há uma reflexão acerca das melhorias necessárias nas instituições de saúde. Nesse sentido, a inexperiência dos funcionários é sentida como um dos maiores problemas no que se refere ao desempenho diário da assistência. Os próprios profissionais demandam que haja mais treinamentos, palestras educativas, entre outras iniciativas que habilitem o seu aprimoramento profissional (TREVIZAN, 2013).

Para Gomes (2010), em meio aos problemas essenciais identificados, tem-se ainda a morosidade no atendimento médico, uma estrutura física inadequada, a falta de sequência do cuidado ao paciente, a não-conscientização dos colaboradores acerca de cada uma de suas funções, o dimensionamento humano desproporcional no que tange ao fluxo de pacientes, determinadas condições inapropriadas referentes ao trabalho, falta de médicos e de remédios e, por fim, conhecimento ineficiente acerca da equipe.

Todos esses aspectos representam problemas que se encontram hoje em dia nos serviços de atendimento às urgências e emergências em termos nacionais, principalmente quando inseridos no SUS. Dessa maneira, trata-se de uma discussão bastante complexa, pois ao se debater acerca da resolução de tais pontos, cabem reflexões para que o governo se mobilize e, então, auxilie os profissionais a concretizarem mudanças fundamentais rumo

à prestação de atendimentos de qualidade, perpassando a capacitação e a conscientização de colaboradores e gestores (TREVIZAN, 2013).

Principais competências da enfermagem no setor de urgência e emergência

Quando se fala das competências essenciais atribuídas aos enfermeiros na Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), nas instituições de saúde da sociedade atual, nota-se o predomínio das assistenciais, em que existe uma ênfase da equipe, já que a demanda é de que o enfermeiro venha desenvolver, em suas atividades, habilidades como a eficiência e a flexibilidade. Desse modo, espera-se ver o enfermeiro atuar junto aos demais profissionais em cada uma das intervenções realizadas no ambiente do pronto-socorro dos hospitais (CURY, 2009).

São requeridas, ainda, determinadas competências administrativas, que destacam em si características de liderança e organização, em que o enfermeiro atua como facilitador. Por fim, atribuem-se ao profissional capacidades voltadas ao ensino, de modo a ressaltar o papel de provedor de suporte teórico às mais variadas práticas da equipe (TREVIZAN, 2013).

De acordo com Gomes (2010), mostra-se essencialmente importante, aos auxiliares e técnicos, que o enfermeiro estejam sempre presentes, mantenham uma postura adequada e, sobretudo saibam repassar seus conhecimentos científicos. Ele atua como se fosse um apoio, sempre ajudando nas decisões mais difíceis.

Assim, quando o enfermeiro reflete e chega a planejar sua função de líder na assistência, constrói, também, um espaço favorável para desenvolver suas atribuições básicas, sejam as administrativas, as assistenciais ou as de ensino, de modo a garantir uma organização adequada, bem como a colaboração de sua equipe, tornando possível direcionar esforços para realizar atendimentos de qualidade (CURY, 2009).

Conforme Gomes (2010), é essencial recordar que é extremamente válido o enfermeiro buscar, o tempo todo, aperfeiçoar sua prática, evitando assim se prender somente às funções administrativas, desenvolvimento especialmente certos procedimentos junto à equipe, além de oferecer apoio e sanar suas dúvidas. Isso porque a prática da enfermagem, uma vez exercida com responsabilidade, preocupação e atenção, tende a proporcionar segurança e excelência no que tange ao cuidado prestado, além de favorecer o estabelecimento de relações de confiança entre paciente e profissional.

A segurança do paciente deve ser intensificada em todos os aspectos, ainda mais em situações de urgência e emergência que demandam ações rápidas e assertivas, nesse sentido a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) institui o protocolo de ações para garantir a segurança do paciente, no tocante a evitar possíveis agravos decorrentes da assistência à saúde (BRASIL, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o Processo de Enfermagem diz respeito à representação maior no que tange ao método científico desta profissão, direcionado pela SAE, por meio da qual acontece o desenvolvimento, bem como a organização do trabalho da equipe pela qual o enfermeiro se faz responsável. A SAE possibilita detectar as principais necessidades dos pacientes, oferecendo o direcionamento para quaisquer intervenções, porém, o cenário das unidades de saúde, não raramente, mostra-se precário em termos de recursos físicos e humanos, demandados para a implantação da assistência de enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. ANDRADE LM, et al. E. Percepção das enfermeiras sobre a unidade de emergência. Rev. RENE 2010; 1(1): 91-7.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 36, de 25 de julho de 2013. Institui ações para a segurança do paciente e dá outras providências, Brasília, DF, 2013.
3. CURY SRR. Focalizando a liderança do enfermeiro em unidades de internação e de atendimento ao trauma. [tese]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 2009.
4. GOMES AL. Emergência: planejamento e organização da unidade. Assistência de enfermagem. São Paulo: Pedagógica e Universitária; 2010.
5. GUIDO LA. Aspectos éticos da assistência de enfermagem ao cliente cirúrgico ambulatorial no centro cirúrgico e na sala de recuperação anestésica – reflexões. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem em Centro Cirúrgico, 2, São Paulo, Julho 1995. *Anais*. São Paulo, 2008; 103-107.
6. LEOPARDI MT. Teorias de enfermagem: instrumentos para a prática. Florianópolis: NFR/UFSC; 2009.
7. MALVESTIO MAA, SOUSA RMC. Suporte avançado a vida: atendimento a vítimas de acidentes de trânsito. Rev. Pública, São Paulo, 2012; 36(5): 584-589.
8. Santos AP, et al. Dificuldades encontradas pela equipe de enfermagem no atendimento pré-hospitalar. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2020; 51: e3598.
9. Silva LLT, et al. Profissionais de enfermagem de um serviço de urgência e emergência frente ao suicídio na adolescência. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2020; 12(10): e4042.
10. TREVIZAN MA. Liderança do enfermeiro: o ideal e o real no contexto hospitalar. São Paulo: Sarvier; 2013.